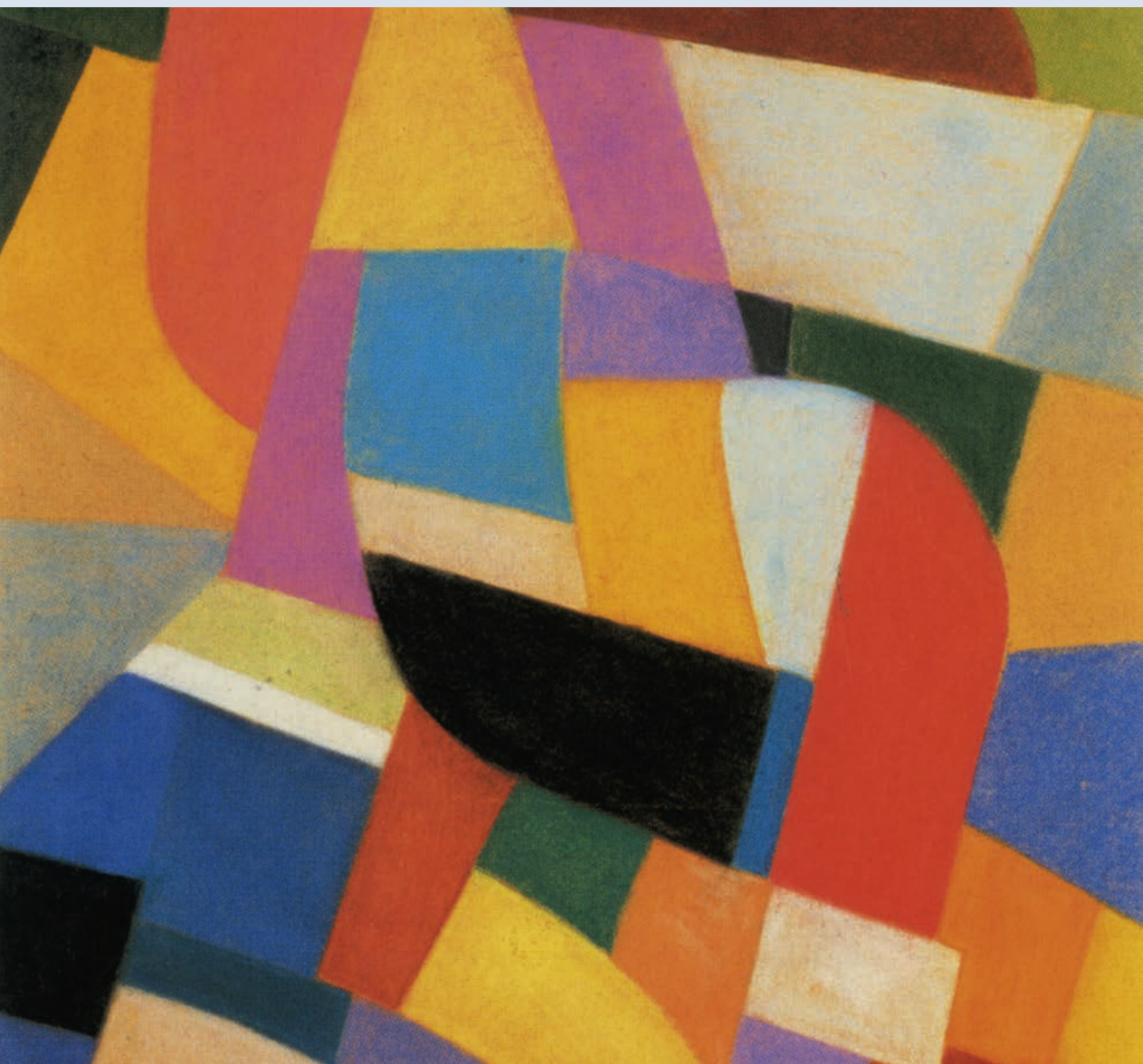


ANDRÉ CARMO (org.)

# Espaço, Lugar e Território

Figuras do pensamento português contemporâneo







**ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIO**  
**Figuras do pensamento**  
**português contemporâneo**



Coordenação  
**André Carmo**

**ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIO**  
**Figuras do pensamento**  
**português contemporâneo**

**Título:** Espaço, lugar e território. Figuras do pensamento português contemporâneo

**Coordenação científica e editorial:** André Carmo

**Revisão científica:** Ana Cordeiro Santos, Eduardo Ascensão, João Pedro Silva Nunes, Maria Alice Samara, Paula Simões, Pedro Pinto, Ricardo Costa Agarez, Susana Mourato Alves-Jesus

© 2022, André Carmo e Edições Afrontamento

**Capa:** Edições Afrontamento / Departamento gráfico

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt) / [comercial@edicoesafrontamento.pt](mailto:comercial@edicoesafrontamento.pt)

**ISBN:** 978-972-36-1963-8

**Colecção:** Biblioteca de Ciências Sociais / Plural / 22

**Depósito legal:** 506328/22

**N.º edição:** 2154

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[Comercial@companhiadasartes.pt](mailto:Comercial@companhiadasartes.pt)

Novembro de 2022

# Índice

<b>Siglas</b>	15
<b>Agradecimentos</b>	17
<b>Introdução</b>	19
<b>1. Annabela Rita</b> (Susana Mourato Alves-Jesus)	23
Nampula, Portimão, Lisboa	23
«...a linguagem que, como nenúfar...»	25
O «escrever no prazer» e o lugar da fruição (ou a «festa das letras» como mote de intervenção)	28
Bibliografia fundamental	30
Referências secundárias	31
<b>2. António Covas</b> (Luís Moreno)	33
Introdução: apontamento de biografia e inserção institucional	33
Entre a Europa e Querença, sentidos e conteúdos: de espaços-território aos lugares	34
Comunicação e matérias da afirmação na esfera pública	38
Bibliografia fundamental	40
Referências secundárias	41
<b>3. António Firmino da Costa</b> (Inês Pereira)	43
Vidas com História	43
Há Sociologia no Bairro	44
O sociólogo etnógrafo	47
Bibliografia fundamental	49
Referências secundárias	50
<b>4. António Fonseca Ferreira</b> (João Rafael Santos)	51
Um percurso multifacetado: academia, atividade editorial, planeamento, política, administração pública	51
Os grandes contributos: pensar e mobilizar para as políticas de habitação, o planeamento estratégico, o ordenamento do território e a Área Metropolitana de Lisboa	53
Os debates, controvérsias e compromissos: uma cultura de serviço público	58
Bibliografia fundamental	59
Referências secundárias	59



<b>5. António Manuel Figueiredo</b> (Luís Carvalho)	61
Detalhes biográficos e contexto institucional	61
Contributos sobre a territorialização do desenvolvimento	63
Das «travessias não autorizadas» ( <i>trespassing</i> ) à prática reflexiva	65
Bibliografia fundamental	66
Referências secundárias	67
<b>6. António Simões Lopes</b> (José da Silva Costa)	69
Uma Vida de Compromisso com a Academia e a Ciência Regional	69
Precursor de uma Visão Holística do Desenvolvimento Regional	70
Intervenção no Debate Público: Desenvolvimento <i>versus</i> Crescimento Económico	72
Bibliografia fundamental	75
Referências secundárias	75
<b>7. Artur Rosa Pires</b> (Fernando Nogueira)	77
Esboço biográfico	77
Um académico comprometido com a aprendizagem e a capacitação de agentes	78
Qualificar, humanizando e socializando, as práticas de intervenção territorial	82
Bibliografia fundamental	84
Referências secundárias	85
<b>8. Fernando Santos Pessoa</b> (Gonçalo Duarte Gomes)	87
O sortilégio da Arquitectura Paisagista	87
Da construção da política de ambiente em democracia à fundação da Conservação da Natureza em Portugal	89
Do mester de dar aulas à escrita, um cidadão pleno e incansável	94
Bibliografia fundamental	96
Referências secundárias	96
<b>9. Filomena Silvano</b> (Eduardo Ascensão)	99
Da Etnografia Rural e Desenvolvimento Territorial à Antropologia da Moda	99
Em busca dos territórios da identidade	102
A fluidez nos fenómenos sociais	106
Bibliografia fundamental	107
Referências secundárias	108
<b>10. Francisco da Silva Dias</b> (Filipa Serpa)	109
Arquitecto – Humanista, Urbanista, Cidadão – Político, Pedagogo e Artista	109
Contributos para o pensamento sobre o espaço arquitectónico e urbano	113
Debates e controvérsias: a «Casa Portuguesa», as utopias e o urbanismo generoso	115
Bibliografia fundamental	116
Referências secundárias	116
<b>11. Graça Índias Cordeiro</b> (Rita Cachado)	119
De Lisboa a Boston, um percurso de vida	119
Construindo redes interdisciplinares	122
Antropologia Urbana, janela de observação	125
Bibliografia fundamental	126
Referências secundárias	128

## Índice

<b>12. Isabel André</b> (Ana Estevens)	129
As ramificações de um percurso académico	129
Contributos para o pensamento em Geografia Humana: inovar nos temas e nas reflexões teórico-conceituais	132
Principais debates, controvérsias e intervenções na esfera pública	135
Bibliografia fundamental	137
Referências secundárias	138
<b>13. Isabel Guerra</b> (Sandra Marques Pereira)	139
De Serviço Social à Sociologia: uma biografia focada na ação transformativa	139
Um olhar sociológico sobre o alojamento: contributos para compreender a génese da Grande Lisboa	142
Sentidos de uma Sociologia de Intervenção	145
Bibliografia fundamental	147
Referências secundárias	148
<b>14. João Ferrão</b> (João Mourato)	149
Geógrafo Ávido de Mudança	149
Ação Pública: Mudar perspectivas, políticas e práticas institucionais	151
O valor das ideias	154
Bibliografia fundamental	156
Referências secundárias	157
<b>15. João Teixeira Lopes</b> (Lígia Ferro & Priscilla Santos)	159
Percurso biográfico e contexto institucional	159
Contributos para pensar o espaço a partir da sociologia	159
Intervenção na esfera pública e pistas para pensar a cidade e os espaços públicos atualmente	166
Bibliografia fundamental	167
Referências secundárias	167
<b>16. Jorge Carvalho</b> (Ana Isabel Ferreira)	169
Meio século a reflectir o urbanismo	169
A procura de caminho para a melhoria da prática urbanística	173
A função social pela prática do urbanismo	176
Bibliografia fundamental	177
<b>17. Jorge Gaspar</b> (Patrícia Pedro Rêgo)	179
Afirmção da geografia	179
Pensamento, ensino, investigação e aplicação da geografia	182
Debates, controvérsias e intervenções: apontamento	186
Bibliografia fundamental	187
Referências secundárias	188
<b>18. Jorge Malheiros</b> (André Carmo)	189
A geografia como destino?	189
Migrações, cidades e pensamento geográfico. Abordagens críticas e inter-disciplinares	192
A cidadania como vocação	194
Bibliografia fundamental	196
Referências secundárias	198

<b>19. José Alberto Rio Fernandes</b> (Jorge Ricardo Pinto & Pedro Chamusca)	199
Um portuense de Gondomar	199
Da investigação à ação	202
Justiça espacial e intervenção social	203
Bibliografia fundamental	206
Referências secundárias	207
<b>20. José Eduardo Franco</b> (Paula Carreira)	209
Ser pessoa, ou dos caminhos de um <i>trânsfuga</i>	209
Entre o local e o global, a glocalização dialogante da cultura portuguesa	211
Solidarizar a Academia para uma democratização da cultura	214
Bibliografia fundamental	216
Referências secundárias	217
<b>21. José Mattoso</b> (Pedro Martins)	219
Percurso biográfico e institucional e intervenção cívica	219
Espaço, lugar e território	221
Bibliografia fundamental	225
Referências secundárias	225
<b>22. José Reis</b> (João Rodrigues)	227
Um esboço biográfico	227
Os contributos científicos	228
Um intelectual público	233
Bibliografia fundamental	234
Referências secundárias	234
<b>23. Luís Bruno Soares</b> (Maria Manuela da Fonte)	
Uma breve história de vida	235
Contributos e reflexões sobre a profissão	238
Debates e desafios	240
Bibliografia fundamental	242
Referências secundárias	244
<b>24. Luís Vicente Baptista</b> (João Pedro Silva Nunes)	245
Investigação, docência e gestão universitária	245
Uma abordagem sociológica aos processos de urbanização	246
A ludificação dos territórios enquanto contributo para o debate sobre as cidades contemporâneas	250
Bibliografia fundamental	251
Referências secundárias	252
<b>25. Manuel Brandão Alves</b> (Vitor Escária)	253
Principais elementos biográficos	253
As reflexões sobre o território	255
Da teoria à prática	258
Bibliografia fundamental	259
Referências secundárias	259

## Índice

<b>26. Manuel Carlos Silva</b> (Fernando Bessa Ribeiro)	261
O trajeto biográfico de um sociólogo implicado	261
As desigualdades no centro da reflexão sobre o espaço e os territórios	263
Os principais debates, controvérsias e intervenções na esfera pública	265
Bibliografia fundamental	267
Referências secundárias	269
<b>27. Manuel da Costa Lobo</b> (Pedro Pinto & Fernando Nunes da Silva)	271
Percurso biográfico e contexto institucional	271
Contributos para o pensamento no campo do Urbanismo	274
Bibliografia fundamental	278
Referências secundárias	278
Planos selecionados	279
<b>28. Manuel Graça Dias</b> (Jorge Figueira)	281
Prática, ensino, crítica, vida	281
Contribuições: a «grande liberdade», o pequeno episódio	282
Para lá do «bom gosto»: controvérsias, contrariedades	285
Bibliografia fundamental	287
Referências secundárias	287
<b>29. Manuela Raposo Magalhães</b> (Selma B. Pena)	289
Uma vida a fazer escola	289
A base do Ordenamento do Território	293
Vida activa e atenta – os principais debates	295
Bibliografia fundamental	298
Referências secundárias	298
<b>30. Margarida Pereira</b> (Isabel Pato e Silva)	299
Dados biográficos e propósito de pesquisa	299
Um propósito em três linhas de pesquisa	300
O que permanece por cumprir	306
Bibliografia fundamental	307
Referências secundárias	308
<b>31. Miguel Real</b> (Cristiana Lucas Silva)	309
«O Outro e o Mesmo»	309
Escritor e pensador multimódo	310
«De Portugal escrutinador»	311
Bibliografia fundamental	317
Referências secundárias	317
<b>32. Nuno Portas</b> (Nuno Grande)	319
Biografia de um pensador multifacetado	319
«Obras abertas»: do cinema à arquitetura; da política à cidade	321
Um <i>enfant terrible</i> no debate, na controvérsia e na intervenção pública	325
Bibliografia fundamental	326
Referências secundárias	327

<b>33. Onésimo Teotónio Almeida</b> (Sandra Sousa)	329
Leccionando, escrevendo e criando	329
Pensando e filosofando	331
Polemicando, debatendo e complexificando	334
Bibliografia fundamental	337
Referências secundárias	337
<b>34. Paula Godinho</b> (Patrícia Pereira)	339
A antropóloga na fronteira	339
Etnografia do mundo rural em mudança	341
O futuro é para sempre	345
Bibliografia fundamental	345
Referências secundárias	346
<b>35. Teresa Barata Salgueiro</b> (Luís Mendes)	347
Detalhes biográficos e contexto institucional	347
Principais contributos para o campo da geografia urbana	349
Principais teses e debates	353
Bibliografia fundamental	355
Referências secundárias	355
<b>36. Teresa Pinto-Correia</b> (José Muñoz-Rojas)	357
Descoberta, iniciação à geografia (rural) e principais influências	357
Uma paisagem rural que vai muito além da Geografia	360
Uma paixão pelo rural mais além da ciência	364
Bibliografia fundamental	365
Referências secundárias	366
<b>37. Teresa Sá Marques</b> (Paula Guerra)	367
A edificação singular de cartografias reticulares	367
Contributos indeléveis para uma geografia das quimeras	370
A disposição da cidadania em múltiplos lugares	372
Bibliografia fundamental	375
Referências secundárias	375
<b>38. Virgílio Borges Pereira</b> (João Queirós)	377
Trajetória científica: notas-síntese	377
Quotidiano e território no estudo (comparado) da formação e transformação das classes sociais: um contributo singular no panorama das ciências sociais em Portugal	378
O Estado, a política e o debate sobre desigualdades sociais e sobre a reprodução espacializada das divisões sociais e simbólicas	381
Bibliografia fundamental	383
Referências secundárias	384
<b>39. Viriato Soromenho-Marques</b> (Rui Maia Rego)	387
Um filósofo político e pensador global: entre o projeto europeu e a emergência ecológica	387
A geografia política: um estratega entre a caracterização trágica do mundo e o possível progresso de cooperação cívica	388
Teses, controvérsias e debates	392

## Índice

Bibliografia fundamental	394
Referências secundárias	395
<b>40. Vítor Figueiredo</b> (Pedro Namorado Borges e Ricardo Costa Agarez)	397
Percurso	397
Espaço, Lugar e Território	400
Bibliografia fundamental	406
Referências secundárias	406
<b>41. Vítor Matias Ferreira</b> (Alexandra Castro)	409
Dos movimentos sociais ao nascimento da Sociologia	409
Ambiente, Património e Espaços Públicos: trilogia analítica e multidisciplinar para compreender o território	412
Bibliografia fundamental	414
Referências secundárias	415
<b>Notas biográficas dos autores</b>	417



# Siglas

- Ad Urbem* – Associação Para o Desenvolvimento do Direito do Urbanismo e da Construção  
AESOP – Associação Europeia de Escolas de Planeamento  
AML – Área Metropolitana de Lisboa  
APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional  
APG – Associação Portuguesa de Geógrafos  
AUGI – Área Urbana de Génese Ilegal  
CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
CCR – Comissão de Coordenação Regional  
CEG – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa  
CET – Centro de Estudos Territoriais  
CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia  
CIRIUS – Centro de Investigações Regionais e Urbanas  
CML – Câmara Municipal de Lisboa  
CNADS – Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável  
CODA – Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto  
DGOTDU – Direção Geral do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Urbano  
DPH – Domínio Público Hídrico  
EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa  
ESBAL – Escola Superior de Belas Artes da Universidade de Lisboa  
FCG – Fundação Calouste Gulbenkian  
FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
FFH – Fundo de Fomento da Habitação  
FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
GAS – Gabinete da Área de Sines  
GTH – Gabinete Técnico de Habitação  
HLM – *Habitation à loyer modéré*  
IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa  
ISA – Instituto Superior de Agronomia  
ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa  
ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão



- JNICT – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
- LBPOTU – Lei de Bases da Política de Ordenamento do Território e de Urbanismo
- LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- PDM – Plano Diretor Municipal
- PER – Programa Especial de Realojamento
- PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado
- PNPOT – Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território
- PROSIURB – Programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional e Apoio à Execução dos Planos Municipais
- PROT – Plano Regional de Ordenamento do Território
- PU – Plano de Urbanização
- RAN – Reserva Agrícola Nacional
- REN – Reserva Ecológica Nacional
- RJIGT – Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial
- SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local

## 26. Manuel Carlos Silva

Fernando Bessa Ribeiro

### O trajeto biográfico de um sociólogo implicado

Manuel Carlos Silva nasceu em 1946 em Abade do Neiva, uma aldeia de Barcelos, indo viver aos cinco anos para Aguiar, no extremo norte do concelho. É o filho mais velho de um caixeiro e, depois, merceeiro, e de uma camponesa. Revelando talento e dedicação na escola, teve na professora primária um esteio relevante, nomeadamente ao insistir com os pais para que a criança prosseguisse os estudos. Numa época de extrema privação, com um regime em que o ditador Salazar desconfiava da modernização, preferindo as velhas hierarquias, com cada um respeitando a ordem imposta pelo nascimento, as possibilidades de mobilidade social eram manifestamente escassas. Como quase sempre acontecia quando se pretendia continuar a estudar, não existindo os recursos económicos necessários para suportar as despesas de um filho, cujo trabalho fazia falta, seja na agricultura, seja em qualquer outra atividade útil à economia doméstica, o caminho para Manuel Carlos Silva foi o de um seminário de ordem religiosa, mais barato que o diocesano, ainda que com enormes dificuldades. Tendo feito os estudos secundários no seminário carmelita em Viana do Castelo, entre 1958 e 1963, e, seguidamente, no Marco de Canaveses, nos dois anos seguintes, logo depois foi estudar Filosofia, entre 1965 e 1968, no Seminário Maior da Ordem Carmelita e na Faculdade de Filosofia em Vitória (País Basco). Um padre progressista e docente fê-lo questionar a velha filosofia aristotélico-tomista sucessivamente à luz de racionalismo kantiano e do existencialismo sartriano. Apesar de ainda ter tido uma esperança na transformação da Igreja pela via da Teologia da Libertação, lendo Edward Schillebeeckx, Hans Kung e Leonardo Boff, acabou por perder a fé cristã quando, após a saída do seminário, foi trabalhar em 1969 como operário em Paris por uns meses e, sobretudo, quando de volta a Portugal, lecionou no Colégio Nuno Álvares Pereira e cursou Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa de 1969 a 1971.

Num quadro de progressiva maturação política, as suas origens de classe, a experiência pessoal da relativa privação familiar e das desigualdades que atravessavam a

sua aldeia fizeram-no tomar consciência não só do caráter repressivo do regime, como dos processos de como médios proprietários, lavradores e os poucos letrados cidadãos, além do ganho económico, exerciam, juntamente com os padres, uma relação de controlo patrocinal ou clientelar sobre jornalheiros, artesãos e pequenos camponeses. A vida como estudante de Direito em tempos de agitação política contribuiu para o colocar definitivamente na margem esquerda da política. Ativista no movimento estudantil e crítico do regime, a oposição à guerra colonial ditaria o seu exílio na Holanda, onde estudou sociologia e antropologia na Universidade de Amesterdão entre 1971 e 1984, tendo entretanto de regresso a Portugal no pós-25 de Abril terminado, nesta longa intermitência, o curso de Direito e lecionado Filosofia e Introdução à Política nos liceus de Santarém e D. Pedro V em Lisboa. Posteriormente doutorou-se *cum laude* em Ciências Sociais, Culturais e Políticas em 1994 na Faculdade de Ciências Sociais, Culturais e Políticas da Universidade de Amesterdão, sob a orientação de Veit Bader, sociólogo alemão proscrito pelo governo da Alemanha ocidental pelas suas posições político-ideológicas, e de Gerrit Huizer, antropólogo da Universidade de Nijmegen e ativista em movimentos sociais, nomeadamente camponeses, em vários países na América Latina.

Rejeitando qualquer tipo de dogmatismo ou de monoteísmo teórico e metodológico, M. C. Silva estruturou a sua leitura do mundo tendo por base os contributos teóricos de Karl Marx (p. ex. 1971 [1859], 2014 [1867]) e de Max Weber (1993 [1922]), largamente desenvolvidos por Bader. Na sua tese de doutoramento *Resistir e adaptar-se: constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal* (1998) – galardoada com a mais importante distinção no campo das ciências sociais em Portugal, o Prémio Adérito Sedas Nunes –, M. C. Silva procede a uma imbricação crítica dos legados de Marx e de Weber, conjugando-os com teóricos do campesinato e da economia moral, como Edward P. Thompson, Eric Wolf e James Scott, e especialistas sobre religião e religiosidade popular e sobre o patrocínio. Como enfatiza Bader, no prefácio ao livro baseado na tese de doutoramento, M. C. Silva:

consegue superar velhas dicotomias bem conhecidas nas ciências sociais e que têm constituído reais bloqueios na pesquisa: accionalismo voluntarista *versus* estruturalismo determinista (incluindo as novas variantes estruturalistas e das teorias do microteorias *versus* macroteorias); teorias da ação racional *versus* teorias normativistas de integração; teorias da contingência *versus* teorias evolucionistas; teorias da privação relativa *versus* teorias da mobilização de recursos e teorias da estrutura política de oportunidades, etc. A estratégia teórica de Carlos Silva não é só equilibrada, mas também claramente demarcada das estratégias concorrentes e, nesta delimitação, demonstra um excepcional conhecimento da grande variedade de teorias que são relevantes para o seu projecto de investigação (Bader, 1998: 13-14).

Ainda doutorando na Universidade de Amesterdão, foi admitido em 1989 como Assistente na Universidade do Minho, onde se aposentaria como Professor Catedrático em 2014. Ao longo de um quarto de século nesta instituição, foi um dos mais ativos docentes e investigadores do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais e dos seus centros de investigação, tendo exercido diversos cargos, incluindo o de diretor do Curso de Sociologia (1995-1998), do Departamento de Sociologia

(2000-2002), do Núcleo de Estudos em Sociologia e do Centro de Investigação em Ciências Sociais na Universidade do Minho (2002-2014). Mais recentemente, entre 2013 e 2014, foi um dos impulsionadores do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, com sede na Universidade Nova de Lisboa e diversos polos ancorados respetivamente na Universidade do Minho, na Universidade de Évora, na Universidade dos Açores e no Instituto Politécnico de Leiria. Fundou também a revista *Configurações*, de que foi o seu primeiro diretor, e a coleção *Debater o Social*, sendo o seu primeiro e atual diretor. No campo do associativismo profissional, M. C. Silva foi presidente da Associação Portuguesa de Sociologia entre 2010 e 2012, tendo no mandato anterior sido vice-presidente. Mas a sua vida não se esgota na academia, antes articulando-se com o envolvimento no campo da cidadania e das suas múltiplas lutas, incluindo políticas e sindicais. Para além de diversas candidaturas autárquicas, à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu, foi dirigente do Sindicato dos Professores do Norte, tendo sido presidente da sua assembleia-geral entre 2014 e 2017.

## **As desigualdades no centro da reflexão sobre o espaço e os territórios**

Sociólogo com interesses e terrenos de investigação muito diversificados, entre as suas inquietações fundamentais emergem os problemas do desenvolvimento desigual a nível global, nacional e regional (Silva *et al.*, 2005, 2012) e as desigualdades sociais (ver Bader e Benschop, 2018; Gomes *et al.*, 2018), sempre escrutinadas considerando os diferentes contextos espaciais, lugares e tempos e assentes em estudos empíricos e uso plural e cruzado de diversos métodos e técnicas. Assumindo as desigualdades sociais como inerentes ao capitalismo, os seus primeiros trabalhos sobre a sociedade rural revelam já uma atenção especial aos efeitos por elas produzidos (Silva, 1989, 1994). Em *Resistir e adaptar-se: estratégias e constrangimentos camponeses no Noroeste de Portugal*, M. C. Silva procura entender e explicar a diversidade e, em particular, o comportamento sociopolítico conservador do campesinato. No seu entender, tal comportamento deve ser explicado considerando a perspetiva weberiano-marxista e da economia moral a partir da racionalidade específica da economia camponesa, imbricada com outras no seio e/ou no exterior da comunidade, na sua luta para preservar o seu pedaço de terra como condição e garantia vitais para a sua relativa autonomia e liberdade a nível familiar, destacando as diversas estratégias (casamento, herança e migrações), com os inerentes conflitos interdomésticos e o «mal de inveja», assim como as componentes religiosa e política, designadamente o sistema clientelar (Silva 1998, 2002).

Esta preocupação na linha weberiana pela compreensão densa das ações e práticas sociais e pela procura das causas que permitam explicar os problemas sociais está presente de modo nítido na investigação sobre prostituição feminina em regiões de fronteira de que foi um dos coordenadores. Não negando o papel relevante desempenhado pelas origens e pertenças de classe e género, pelas trajetórias de vida e os efeitos provocados pelas desigualdades sociais a nível global e local na decisão da entrada e permanência das mulheres na economia do sexo, M. C. Silva (2010, 2003) convoca a nossa atenção para a relevância de outros fatores de ordem psico-moral e organi-

zacional-política (preconceitos, estereótipos, poder de disposição sobre recursos, modelos jurídico-políticos), o controlo patriarcal pelo binómio honra-vergonha e a própria agência das mulheres na mobilização de recursos, incluindo os erótico-afetivos, colocando-se assim em rota de colisão com as posições puritanas das forças conservadoras católicas, por um lado, e, por outro, com parte do movimento feminista e do Partido Comunista Português, considerando este a prostituição como degradante da dignidade da mulher mas objetivamente mantendo o *statu quo* em vez da defesa dos seus direitos como trabalhadoras. A procura de uma compreensão e explicação plurinível, pluridimensional e interseccional está também presente nos projetos, por si coordenados, sobre relações interétnicas e desigualdades étnico-raciais (Silva, 2014a, 2014b, 2018) e sobre desigualdades de género na família, na educação e no trabalho (Silva, 2016). Recuperando o pensamento embrionário dos fundadores do marxismo, M. C. Silva argumenta que:

a perspectiva tradicional marxista, ao centrar-se no modo de produção, secundarizou ou subestimou o processo de reprodução que, em relação às questões do género, é nuclear. Porém, se a interpretação dominante marxista sobre as relações de género apresenta lacunas, uma nova e mais atenta leitura dos escritos de Marx e sobretudo de Engels permite-nos discordar de certos clichés tais como o de o marxismo não ter em atenção a exploração e a dominação da mulher nos vários tipos de sociedades patriarcais, inclusive no capitalismo, cujo sistema se tem aproveitado da histórica posição subalterna das mulheres. Com efeito, Marx e Engels (1998, 1976) não desenvolveram estas questões, mas assinalaram a dimensão básica do trabalho reprodutivo das mulheres e a dupla exploração extradoméstica e doméstica, não apenas no capitalismo mas em diversos sistemas de exploração e dominação anteriores ao capitalismo. Na magna obra *O Capital*, Marx (1974: 515) sustenta, a nível do modo de produção capitalista, que o processo de reprodução implica o de produção e vice-versa e Engels (1980: 8) em *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* chama a atenção para a centralidade do conceito de género ao reflectir sobre dois tipos de produção e reprodução: a produção dos meios de subsistência e a produção da espécie humana (Silva, 2010: 32).

A relevância do espaço e dos lugares e das condições precárias de moradores urbanos volta a assumir particular relevância no seu último projeto de investigação. Coordenando uma equipa de investigadores, a investigação sobre «ilhas» e bairros populares no Porto e em Braga foi guiada pela preocupação em articular as interpretações marxistas com as weberianas e interacionistas (Silva *et al.*, 2017, 2020a, 2020b). Procurando elaborar uma visão sintética, M. C. Silva (2006a, 2012a) confronta diferentes perspetivas teóricas, convocando a nossa atenção para a inscrição do espaço no campo amplo das ciências sociais, articulando nomeadamente a geografia, a sociologia, a história e a antropologia. Se para os teóricos da Escola de Chicago o espaço urbano é uma variável independente, já os weberianos enfatizam a dimensão política, salientando instâncias e grupos que organizam e controlam o espaço urbano. Por sua vez, os marxistas sustentam que o espaço e os fenómenos urbanos são determinados pela estrutura socioeconómica. Escrutinando estas posições, M. C. Silva, na esteira de Lefebvre (1968), Remy (1975), Santos (1979) e Harvey (2005), argumenta que «o

facto de se sustentar que o espaço tem uma relativa autonomia e produz efeitos próprios não significa que não seja socialmente condicionado. O espaço urbano, para ser explicativo, tem de ser articulado com outros factores de carácter social, político e cultural» (Silva, 2006a: 194-195).

Este olhar de M. C. Silva sobre o espaço e os lugares onde a vida social se inscreve não ignora o debate sobre a globalização. Palavra de uso corrente, tem significado em qualquer lugar do mundo, constituindo-se, pois, como uma realidade assim percebida pelos indivíduos, com impactos múltiplos na geografia e na vida social, implicando, entre muitos outros aspetos, a interdependência, não raro assimétrica, de lugares e espaços geográficos, e a «ação à distância» (Schuerkens 2003: 210). Cotejando quer as teses dos que conectam a globalização com o sistema mundial moderno, logo com já cinco séculos de existência, quer as teses dos que argumentam que estamos perante um fenómeno relativamente recente, ligado às grandes mudanças verificadas nas últimas décadas, M. C. Silva (2000, 2019) argumenta que não se deve situar a origem da globalização por volta da década de 1970, nem fazê-la tanto recuar ao mercantilismo do século XVI, mas mais, ao período entre 1870 e 1914, durante o qual o capitalismo transitou da fase de concorrência para a de monopólio, nos termos colocados por Lenine (1974 [1916]).

## **Os principais debates, controvérsias e intervenções na esfera pública**

Entre os muitos debates e controvérsias em que se envolveu, são de destacar três que, devido à sua relevância para o debate científico e a intervenção social, definem os interesses, preocupações e sentido crítico de M. C. Silva: i) sociedade-providência; ii) classes sociais e condições de ação coletiva; iii) União Europeia e a integração dependente de Portugal.

Perante a crise do Estado-providência, tem sido amiúde sustentada a tese de uma sociedade-providência forte na sociedade portuguesa. Mais, a sociedade-providência, constituída por redes de interconhecimento e reconhecimento mútuo e ajuda numa base não mercantil, tem sido analisada numa lógica de reciprocidade semelhante à das relações do dom estudadas por Marcel Mauss, perspectiva esta não partilhada por M. C. Silva que, na esteira do pensamento weberiano do *do ut des* e com base numa perspectiva histórica – amiúde presente nas obras do autor – e num longo e intensivo trabalho de campo, sustenta que:

Se o cálculo, mesmo quando não mercantil, está presente na dádiva entre iguais, com maioria de razão tal ocorre entre desiguais. Com efeito, a dádiva entre desiguais, estando imbuída de certa afectividade e transfigurando-se sob a linguagem da generosidade ou da amizade, acarreta um preço bastante elevado na medida em que representa não raro a contrapartida simbólica numa subtil forma de controlo e integração sociopolítica e de desigual resultado (Silva, 2001: 551).

Para M. C. Silva a tese de uma sociedade-providência forte não é histórica nem empiricamente fundamentada, servindo inclusive para reforçar objetivamente a tese

e a ação dos liberais em defesa de «menos Estado», com evasão, fuga ou menor pagamento de impostos pelos ricos e à promoção de políticas assistencialistas e clientelares preconizadas por caciques locais e instâncias conservadoras, nomeadamente instituições geridas pela Igreja católica.

Passando ao segundo debate, é atinente lembrar que M. C. Silva foi sempre avesso às modas. Recordo, como seu aluno na disciplina de Estratificação e Classes Sociais no ano letivo de 1992/93, as suas reticências ao conceito de pós-modernidade, então em voga. Apesar dos tempos difíceis para os que se interessavam pelas desigualdades sociais, nomeadamente de classe, temas rotulados pelos liberais e alguns pós-modernos como ultrapassados, sobretudo quando abordados a partir de uma posição marxista crítica, M. C. Silva foi construindo um pensamento crítico que se exprime de modo particularmente distinto no seu livro *Classes sociais: condição objectiva, identidade e acção colectiva*. Publicado em 2009, oferece-nos uma exposição dos contributos clássicos e recentes e uma síntese fecunda sobre classes sociais, na qual avoca não só a dimensão económica – notavelmente caracterizada pela expressão «capital é capital» enunciada nas suas provas de Agregação na Universidade do Minho, em 2003 –, como postula a multidimensionalidade de classe e reclama a relevância da pluricausalidade e da interseccionalidade weberiana em torno dos fatores económico, social e político, sem descurar outros como a raça e o género, para a compreensão e explicação das diversas formas de desigualdade social. Mais, constatando não só entre camponeses como entre trabalhadores do secundário e terciário a discrepância entre as condições objetivas e a não correspondente consciência de classe, reflete sobre as precondições da ação coletiva e convoca o princípio da segurança (*safety first*) dos mais pobres, a necessidade da unidade das esquerdas e da articulação de movimentos sindicais e outros movimentos sociais (Silva, 2012b).

Por fim, o debate sobre a União Europeia e a integração dependente do país. Em sentido contrário aos que prescrevem a irrelevância dos Estados-nação, M. C. Silva sublinha o papel progressista que o nacionalismo pode desempenhar na luta contra a submissão dos países periféricos à Europa comandada por Berlim e seus braços burocráticos e antidemocráticos. No livro *Nação e Estado: entre o global e o local*, por ele organizado (2006b), M. C. Silva, observando a recorrência e o aproveitamento demagógico do nacionalismo pela extrema direita na Europa e no mundo, reclama para as esquerdas, nomeadamente em países (semi)periféricos, a importância da soberania nacional como uma primeira resposta à exploração levada a cabo pelas empresas multinacionais e à dominação e ingerências supraestatais, nomeadamente da União Europeia e do Banco Central Europeu. Ensaando uma síntese acerca do papel do Estado, em especial na Europa, M. C. Silva argumenta que, tendo no horizonte o ecossocialismo, a afirmação da soberania nacional, popular e anti-imperialista pode impor-se como primeiro passo no quadro de uma utopia realista.

Este interesse pelas situações desiguais de poder entre países é inseparável das dinâmicas assimétricas produzidas pelo desenvolvimento. Procurando identificá-las, M. C. Silva (2013, 2019) deu um contributo relevante para a compreensão da situação periférica de Portugal, influenciando outros autores (ver Ribeiro, 2017a). Criticando as teorias da modernização, mobilizou o vasto acervo crítico produzido pelos teóricos decoloniais (Quijano 2000; Dussel, 2009), precedido pelas obras dos teóricos do

sistema-mundial e da dependência (p. ex. Wallerstein 1990 [1974] e 1998; Frank, 1976, Marini, 1973] e o conhecimento da história contemporânea e do desenvolvimento do capitalismo em Portugal para explicar a sua situação (semi)periférica:

O antigo Portugal imperial e colonial foi-se tornando, por seu turno, um país dependente, com uma economia agrária latifundista a sul e minifundista a norte, com uma débil burguesia agrário-industrial, configurando no seu seio dois blocos que se foram digladiando ao longo do século XIX e XX: o latifundismo aliado a uma burguesia *compradore* vivendo do *export-import* e apoiado por um médio e pequeno campesinato a centro e norte mediado pela Igreja e uma nascente e reduzida burguesia industrial, suportada mas em forte tensão com um jovem operariado sobretudo na I República. Durante o Estado Novo solidificou-se o bloco conservador, com uma política e ideologia ruralista, passadista e anti-modernista, possibilitando algum espaço subordinado à burguesia agro-industrial na parte final do regime. No pós 25 de Abril, dada a forte machadada na burguesia, a fracção industrial da mesma não consegue firmar-se, restaurando-se e reforçando-se, em contrapartida, a burguesia *compradore*, especulativa e financeira (comércio, banca, seguros), situação agravada pelo facto de os poderes políticos nos anos 80 e 90 não terem aproveitado os fundos estruturais para o relançamento da agricultura, das pescas e da indústria, preferindo alocar tais fundos a infraestruturas rodoviárias, a que acresceram desperdícios nos aparelhos de Estado, fenómenos de corrupção e evasão fiscal (Silva, 2013: 162).

O trajeto pessoal e académico de M. C. Silva está marcado pelo seu envolvimento na luta contra o capitalismo e a exploração e opressão por este produzidas sobre camponeses e classes trabalhadoras. Como foi sublinhado por mim (Ribeiro, 2017b), M. C. Silva é uma referência quando pensamos em sociologia pública, sobretudo a vinculada à tradição marxista. Ancoradas no seu conhecimento sociológico, nas suas intervenções públicas torna evidente a todos os que, na academia e fora dela, têm no marxismo o seu principal farol teórico e político, a importância da teoria social para a ação pública, imbricando perspectivas de síntese teórica com estudos histórico-empíricos. Com uma capacidade praticamente inesgotável de trabalho ancorada num entusiasmo, a bem-dizer, próprio dos jovens iniciados, M. C. Silva continua extremamente ativo. Se no domínio da investigação acabou de fechar o projeto sobre habitação, já acima mencionado, nos últimos anos foi Professor Visitante e conferencista em diversas universidades no Brasil, na Colômbia, em Angola e no Estado espanhol, incluindo na Galiza, sendo atualmente Professor Visitante na Universidade de Brasília e Investigador colaborador no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares.

## Bibliografia fundamental

- Silva M C (1989) Economia, campesinato e “Estado Novo”. *Ler História*, 15: 111-155.  
 Silva M C (1994) Peasants, Patrons and the State in Northern Portugal. In L Roniger, A Günnes-Ayata (orgs.) *Democracy, Clientelism and Civil Society*. Boulder, Londres, Lynne Rienner: 29-47.  
 Silva M C (1998) *Resistir e adaptar-se: constrangimentos e estratégias camponeses no Noroeste de Portugal*. Porto, Afrontamento.



- Silva M C (2000) Globalização hegemónica e globalização contra-hegemónica: notas para um debate. In J M L Viegas, E C Dias (orgs.) *Cidadania, integração, globalização*. Oeiras, Celta: 289-309.
- Silva M C (2001) Sociedade e Estado perante as desigualdades sociais: o caso português. In B S Santos, A Cohn, A Camargo (orgs.) *Brasil-Portugal entre o passado e o futuro: o diálogo dos 500 anos*. Rio de Janeiro, EMC Edições: 541-597.
- Silva M C (2002) Conflitos interfamiliares e “mal de inveja”. *Análise Social*, XXXVII: 209-241.
- Silva M C (2003) Honra-vergonha: código cultural mediterrânico ou forma de controlo de mulheres? In J Portela, J C Caldas (orgs.) *Portugal-Chão*. Oeiras, Celta: 67-86.
- Silva M C (2006a) Espaço e sociedade: alguns elementos de reflexão. In C Balsa (org.) *Relações sociais de espaço: homenagem a Jean Remy*. Lisboa, Colibri/Ceos: 185-197.
- Silva M C (2006b) Entre o infra-estatal e o supra-estatal: o Estado-nação e a democracia em perda. In M C Silva (org.) *Nação e Estado: entre o global e o local*. Porto, Afrontamento: 125-149.
- Silva M C (2009) *Classes sociais: condição objectiva, identidade e acção colectiva*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Silva M C (2010) Prostituição e formas de controlo feminino: trabalho, sexualidade e poder. In M C Silva, F B Ribeiro (orgs.) *Mulheres da vida, mulheres com vida: prostituição, estado e políticas*. Vila Nova de Famalicão, Húmus: 15-49.
- Silva M C (2012a) *Sócio-anthropologia rural e urbana*. Porto, Afrontamento.
- Silva M C (2012b) Classes, crise e ação coletiva: pressupostos, desfasamentos e precondições. In M C Silva, J V Aguiar (orgs.) *Classes, políticas e culturas de classe: Capital, trabalho e classes intermédias*. Vila Nova de Famalicão, Húmus: 5-52.
- Silva M C (2013) Crise, democracia e desenvolvimento: o lugar semiperiférico de Portugal. *Revista Espanhola de Sociologia*, 19: 153-168.
- Silva M C (2014a) Etnicidade e racismo: uma reflexão pró-teórica. In M C Silva, J M Sobral (orgs.) *Etnicidade, nacionalismo e racismo: Migrações, minorias étnicas e contextos escolares*. Porto, Afrontamento: 21-75.
- Silva M C (2016) *Desigualdades de género: família, educação e trabalho*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Silva M C (2019) Globalização, desenvolvimento desigual e democracia. *Revista CEAM*, 5(2): 9-30.
- Silva M C (com a colaboração de Susana Silva, Maria Goreti Pinto, José Manuel Sobral, Mariana Ramos, Marta Barbosa, Isabel Silva, Carla Sofia Cid, Carla Oliveira, Susana Barbosa, Sandra Pimenta, Fernando Bessa Ribeiro e Sílvia Gomes) (2014b) *Sina social cigana*. Lisboa, Colibri.
- Silva M C (com a colaboração de Vera Duarte, Sónia Silva, Elsa Moreira e Justino Tati) (2018) *Africanos dos PALOP no distrito de Braga: condições objetivas de vida, identidades e relações interétnicas*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Silva M C, Baptista L V, Ribeiro F B, Felizes J, Vasconcelos A N (orgs.) (2020a) *Espaço urbano e habitação básica como primeiro direito*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Silva M C, Cardoso A (2005) O local face ao global: por uma revisitação crítica dos modelos de desenvolvimento. In M C Silva, A P Marques, R Cabecinhas (orgs.) *Desenvolvimento e assimetrias sócio-espaciais: perspectivas teóricas e estudos de caso*. Braga, Núcleo de Estudos em Sociologia/Universidade do Minho e Inovação à Leitura: 23-79.
- Silva M C, Cardoso A, Ribeiro V (2012) Unequal and dependent development: the Minho Region in the Northwest of Portugal. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 9: 103-125.
- Silva M C, Ribeiro F B, Cardoso A, Felizes J (2017) O espaço urbano e o problema da habitação: uma primeira aproximação às ilhas e bairros sociais no Porto e em Braga. In F M Rodrigues, M C Silva, A C Fontes, A C Fontes, S Mourão, L Baptista (orgs.) *Por uma estratégia de cidade sustentável: expansão urbana planeada, quadro legal e financiamento autárquico*. Porto, Afrontamento: 169-183.

Silva M C, Rodrigues F M, Lopes J T, Fontes A C, Mora T (orgs.) (2020b) *Por uma habitação básica: cidadania, democracia associativa e metodologias participativas*. Porto, Afrontamento.

## Referências secundárias

- Bader V (1998) Nota prévia. In M C Silva (1998) *Resistir e adaptar-se: estratégias e constrangimentos camponeses no Noroeste de Portugal*. Porto, Afrontamento.
- Bader V, Benschop A (2018) Desigualdade social: objeto e modelo proteóricó de análise. In S Gomes, V Duarte, F B Ribeiro, L Cunha, A Brandão, A Jorge (orgs.) (2018) *Desigualdades sociais e políticas públicas: homenagem a Manuel Carlos Silva*. Vila Nova de Famalicão, Húmus: 27-79.
- Dussel, E (2009), “Meditações anti-cartesianas sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade”. In B. S. Santos e M. P. Menezes (orgs), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, pp. 283-335.
- Frank A G (1976) *Sociologia do desenvolvimento e subdesenvolvimento da sociologia*. Coimbra, Centelha.
- Gomes S, Duarte V, Ribeiro F B, Cunha L, Brandão A, Jorge A (orgs.) (2018) *Desigualdades sociais e políticas públicas: homenagem a Manuel Carlos Silva*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Harvey D (2005) *A produção capitalista do espaço*. São Paulo, Annablume.
- Lefebvre H (1968) *Le droit à la ville*. Paris, Anthropos.
- Lenine V I (1974 [1916]) *O imperialismo: estágio supremo do capitalismo*. Coimbra, Centelha.
- Marini R M (1973) *Dialéctica de la dependencia*. Cidade de México, Era.
- Marx K (1971 [1859]) *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa, Estampa.
- Marx K (2014 [1867]) *O capital: crítica da economia política (livro primeiro – o processo de produção do capital)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Quijano, A (2000), “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In L. Lander (org.) *La colonialidad del saber, eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 246-276.
- Remy J (1975) Espace et théorie sociologique: problematique de recherche. *Recherches Sociologiques*, 3: 279-293.
- Ribeiro F B (2017a) *Uma sociologia do desenvolvimento*. Vila Nova de Famalicão, Húmus.
- Ribeiro F B (2017b) Uma vida de muitos combates e de sonhos maiores. *SPN Informação*, 75: 22-24.
- Santos M (1979) *Espaço e Sociedade*. Petrópolis, Vozes.
- Schuerkens U (2003) The sociological and anthropological study of globalization and localization. *Current Sociology*, 51(3/4): 209-222.
- Wallerstein I (1990 [1974]) *O sistema mundial moderno: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo no século XVI*. Porto, Afrontamento.
- Wallerstein I (1998) *O capitalismo histórico (seguido de) A civilização capitalista*. Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas.
- Weber M (1993 [1922]) *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica.